

A COMPETITIVIDADE E A ORIENTAÇÃO REGIONAL DA CARNE BOVINA BRASILEIRA (1992 - 2002)

Maurício Jorge Pinto de Souza¹

Roberta Dalla Porta Gründling²

Pascoal José Marion Filho³

RESUMO

O objetivo da pesquisa é avaliar a competitividade da carne bovina brasileira no mercado mundial e sua orientação regional, entre 1992 e 2002. Para tanto, utilizam-se vários índices: Índice de Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR), Índice de Relação da Carne Bovina (IRCB) e Índice de Orientação Regional (IOR). A taxa de crescimento médio das exportações líquidas também é avaliada. Conclui-se que a carne bovina brasileira é competitiva no mercado mundial e que a UE e o NAFTA perdem importância como parceiros comerciais.

Palavras-chaves: carne bovina, vantagem comparativa, orientação regional.

ABSTRACT

The objective of the research is to evaluate the competitiveness of the Brazilian bovine meat in the world market and the regional orientation, between 1992 and 2002. For that, some indexes are used: Index of Revealed Comparative Advantages (IVCR), Index of Relationship of the Bovine Meat (IRCB) and Index of Regional Orientation (IOR). The medium growth rate of the liquid exports is also evaluated. It is ended that the Brazilian bovine meat is competitive in the world market and that EU and the NAFTA lose importance as commercial partners.

Key words: bovine meat, comparative advantage, real exchange, regional orientation.

1. INTRODUÇÃO

O Brasil possui uma excelente dotação de recursos naturais e deve, portanto, utilizá-la para melhorar a situação econômica do País. Uma forma de fazê-la, é exportar

¹ Acadêmico da UFSM.

² Acadêmica da UFSM.

³ Prof. do Depto. de Ciências Econômicas da UFSM.

aqueles produtos mais competitivos no mercado internacional, tais como as carnes, dado que a pecuária ocupa posição de destaque na economia brasileira.

Nos últimos anos, o Brasil vem acumulando consecutivos e significativos saldos positivos na balança comercial. Segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), entre 1999 e 2003, o saldo nas vendas externas do País teve um acumulado de 58,3%, sendo que no ano de 2003 o Brasil bateu recordes nas vendas externas, o superávit comercial foi da ordem de US\$ 24.831 bilhões e as exportações cresceram 21% em relação a 2002. Esses superávits se devem, em parte, ao desempenho satisfatório do agro-negócio brasileiro que, segundo a Confederação Nacional da Agricultura (CNA/CEPEA - USP), registrou crescimento de 8,37% em 2002, fazendo com que o PIB global do agro-negócio brasileiro encerrasse o ano com R\$ 424,32 bilhões.

De acordo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), a média anual de crescimento das exportações do agro-negócio brasileiro tem sido em torno de 10%.

O PIB primário da agropecuária apresentou crescimento de 4,24% em 2002, encerrando o ano em torno de R\$ 53,07 bilhões (CNA/CEPEA – USP).

Segundo o Anuário Brasileiro da Pecuária (2003), nos doze meses compreendidos entre junho de 2002 e julho de 2003 as exportações brasileiras de carne bovina superaram as da Austrália – até então principal fornecedor mundial do produto – e atingiram 1,5 milhões de toneladas. O Brasil é dono do maior rebanho bovino comercial do mundo. Os mercados que mais se destacaram na compra de carne brasileira, em 2002, foram o Reino Unido (US\$ 151 milhões), os Países Baixos (US\$ 119,7 milhões), os Estados Unidos (US\$ 118,9 milhões) e o Chile (US\$ 112,3 milhões).

Neste contexto, o presente trabalho tem por objetivo avaliar a competitividade da carne bovina brasileira no mercado mundial e sua orientação regional, entre 1992 e 2002.

Para tanto, utiliza-se o índice de Vantagem Comparativa Revelada (IVCR), o Índice de Relação da Carne Bovina (IRCB) e o Índice de Orientação Regional (IOR). Calcula-se também a taxa média de crescimento das exportações líquidas para o período de 1992 a 2002.

O artigo está dividido em cinco seções, sendo esta introdução a primeira delas. Na segunda seção, descreve-se o mercado da Carne Bovina. A metodologia utilizada no artigo está na terceira seção e os resultados encontram-se na quarta seção. Por fim, apresentam-se as principais conclusões.

2. O MERCADO DA CARNE BOVINA

A década de 80 foi marcada por um rápido crescimento no mercado de carnes. Inicialmente, o comércio envolveu o embarque de cortes de carnes e miúdos comestíveis, e não carcaças e animais vivos (DYCK & NELSON, 2000). Porém, Jank *apud* Miranda (2001) menciona que o comércio mundial de carnes representa 10% do volume de carne produzida, o que deixa claro que os mercados domésticos são os centros dos sistemas de carnes no mundo.

Segundo Scare *et al* (2004, p.3), “o principal mercado consumidor de carnes do mundo é o americano com um consumo total estimado de 12,74 milhões de toneladas ano (2002)”. Ainda, de acordo com esse autor, pode-se destacar os mercados do Brasil, China, Argentina, Rússia e México, todos acima de 2 milhões de toneladas/ano. A Comunidade Européia é também um mercado importante, que consome 7,5 milhões de toneladas ano.

A Tabela 1 fornece a evolução do consumo *per capita* de carne bovina em países selecionados e nela se verifica que o consumo do produto é maior nos países do Mercosul e nos EUA.

TABELA 1: Consumo Mundial de Carne Bovina ‘

Países	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003
EUA	43,1	43,7	44,1	43,9	43,0	44,2	41,9
Argentina	70,0	63,6	67,4	67,8	67,3	61,8	61,8
Brasil	39,0	38,0	36,3	35,8	35,6	35,8	36,2
Uruguai	66,6	72,2	71,3	61,2	51,2	60,2	56,0
França	25,9	26,6	26,9	27,5	23,0	25,8	25,6
Alemanha	14,7	15,0	15,2	15,5	13,0	14,7	14,7
Reino Unido	15,4	16,1	16,7	17,0	14,3	16,1	16,0
Japão	11,5	11,7	11,7	12,0	10,8	10,2	11,0
Hong Kong	9,2	11,4	12,0	12,1	11,9	10,8	11,2
China	3,5	3,8	4,0	4,2	4,4	4,4	4,4

Fonte: Scare et al (2004)

Para Bonjour (2004, p.2), “o consumo mundial de carne bovina tem sido influenciado por questões que vão desde a preocupação dos consumidores com a saúde, com a conservação do meio ambiente e principalmente, em consequência de mudanças nos preços relativos das carnes concorrentes”.

Desouzart *apud* Miranda (2001) comenta que a carne bovina tem o segundo maior consumo mundial entre as carnes e o primeiro no Brasil, porém vem perdendo participação no consumo mundial para a carne de aves.

A produção mundial de carne bovina no período de 1992 a 2002 pode ser visualizada na Tabela 2.

Os dados da Tabela 2 mostram que a produção mundial de carne bovina vem crescendo e que a produção de 2002 foi superior a de 1992 em 9,44%. Em 2002, a maior produção mundial foi dos EUA, com 12.287.800 toneladas, seguido do Brasil e da China, com 7.314.000 e 5.478.883 toneladas, respectivamente (FAO, 2004). Segundo Fürsetenau (2004), o Brasil possui o maior rebanho bovino, do mundo, com fins comerciais. Ainda para a autora, a superioridade numérica do Brasil não se reflete na produtividade, pois esta ainda encontra-se muito abaixo dos resultados obtidos nos Estados Unidos.

Tabela 2: Produção Mundial de Carne Bovina 1992 - 2002

<i>ANO</i>	<i>Produção mundial (t)</i>
1992	53.067.818
1993	52.619.211
1994	53.353.576
1995	54.171.548
1996	54.748.932
1997	55.388.381
1998	55.257.052
1999	56.300.907
2000	56.832.210
2001	56.096.074
2002	58.076.248

Fonte:FAO

No que se refere às exportações mundiais de carne bovina, verifica-se um crescimento no volume exportado, pois, segundo Scare et al (2004), as exportações mundiais cresceram 8,3% em 2002 quando comparadas a 1999. Dentre os principais países exportadores em 2002 (em toneladas), destacam-se: a Austrália (1º), os EUA (2º), o Brasil (3º) e o Canadá (4º) (FAO, 2004).

O Brasil destaca-se tanto no comércio de carnes frescas como no de carnes industrializadas. Segundo Miranda e Motta (2001), o reconhecimento do Brasil como fornecedor potencial de carne bovina no mercado exterior vem acontecendo em um ambiente de maior aproveitamento da produção nacional, verificado após o Plano Real, devido a uma demanda interna insuficiente e ao esforço da economia nacional para o aumento da pauta exportadora.

Os autores observam ainda que a indústria frigorífica brasileira vem investindo na modernização de sua estrutura de produção desde a década de 80, no abate e na industrialização, o que ampliou a produção ofertada no mercado interno e, também, aquela destinada ao exterior.

Portanto, verifica-se que a pecuária brasileira se destaca no cenário internacional, o que torna relevante mensurar a sua competitividade e orientação, a serem obtidas a partir da metodologia apresentada a seguir.

3. METODOLOGIA

A competitividade da carne bovina brasileira no mercado internacional pode ser verificada a partir do Índice de Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR), do Índice de Relação da Carne Bovina (IRCB) e da taxa média de crescimento das exportações líquidas. A orientação das exportações de carne bovina será analisada através do Índice de Orientação Regional (IOR).

O Índice de Vantagens Comparativas Reveladas está fundamentado na Teoria das Vantagens Comparativas desenvolvida por David Ricardo (1817). A diferença entre custos permite a nação especializar-se na produção do bem que tem vantagem comparativa e importar aqueles que não possuem.

O Índice de Vantagens Comparativas Reveladas, segundo Maia (2002), foi proposto inicialmente por Balassa (1965 e 1977) e é um método eficaz para determinar a vantagem comparativa. O índice pode ser obtido da seguinte forma:

$$IVCR_j = (X_{ij} / X_i) / (X_{wj} / X_w) \quad (1)$$

Onde:

$IVCR_j$ = Índice de Vantagens Comparativas Reveladas do produto j;

X_{ij} = valor das exportações brasileiras do produto j;

X_i = valor total das exportações brasileiras;

X_{wj} = valor das exportações mundiais do produto j;

X_w = valor das exportações mundiais.

O resultado do *IVCR* demonstra se um país, no caso do presente estudo, o Brasil, possui vantagem comparativa para determinado produto, confrontando sua participação na pauta exportadora nacional e mundial. Segundo Barbosa e Waquil (2001, p.72), “O índice acima da unidade indica que o país possui uma vantagem comparativa para o bem j , enquanto para valores abaixo da unidade o país em questão apresenta uma desvantagem comparativa revelada”.

Para o cálculo do Índice de Relação da Carne Bovina (IRCB), utilizam-se: o saldo das exportações líquidas de carne bovina e a taxa de câmbio efetiva real.

A exportação líquida de carne bovina, para um determinado período, é obtida subtraindo do total exportado a totalidade das importações. Logo:

$$X_{Li} = X_{Ti} - M_{Ti} \quad (2)$$

Onde:

X_{Li} = exportações líquidas de carne bovina no ano i ;

X_{Ti} = exportações totais de carne bovina no ano i ;

M_{Ti} = importações totais de carne bovina no ano i .

$i = 1992, \dots, 2002$.

O IRCB é obtido dividindo-se as exportações líquidas de carne bovina de cada ano pela taxa de câmbio efetiva real do mesmo período, ambas em números índices (neste artigo, base 1991=100).

A fórmula do IRCB é a seguinte:

$$IRCB_i = \frac{IEL_i}{ICR_i} \quad (3)$$

Onde: $IRCB_i$ = Índice de Relação da Carne Bovina no ano i ;

IEL_i = Índice de Exportações Líquidas de carne bovina no ano i ;

ICR_i = Índice do Câmbio Real no ano i .

Para a construção do Índice do Câmbio Real é utilizada a taxa de câmbio efetiva real IPA -OG – exportações, obtidas no IPEADATA⁴, pois, como argumenta Zini Jr (1995, p.131): “O índice de preços por atacado (IPA) é utilizado porque confere grande peso ao preço de bens comerciáveis (setores industrial e agrícola) e é relevante para comparações de preços relativos no nível dos produtores”.

O Índice de Relação da Carne Bovina no período i fornece a proporção entre o índice de exportações líquidas de cada carne e o índice da taxa de câmbio real, ou seja, a relação entre as exportações líquidas e a taxa de câmbio real a cada ano.

A taxa média de crescimento será calculada para indicar o ritmo médio de crescimento das exportações líquidas de carne bovina no período 1992-2002.

Admitindo que a taxa anual de crescimento seja r , V_t os valores das exportações líquidas e t o número de anos transcorridos entre 1992 e 2002, aplica-se logaritmos à expressão $V_t = A(1 + r)^t$, de onde se obtém:

$\log V_t = \log A + \log(1 + r)t$, que corresponde a uma equação linear do tipo

$$Y = a + bX \quad (4)$$

Onde: $Y = \log V_t$;

$a = \log A$;

$b = \log(1 + r)$;

$X = t$.

⁴ Disponível no endereço eletrônico www.ipeadata.gov.br.

Conhecendo o b , determina-se a taxa média de crescimento fazendo o antilogaritmo de b , subtraindo a unidade e multiplicando por 100, para que o resultado seja em porcentagem⁵.

O Índice de Orientação Regional (IOR) foi utilizado de forma pioneira por Yeats (1997), e nos dias atuais é aplicado por vários autores, dentre os quais se destacam Costa e Waquil (1999), Barbosa e Waquil (2001), Rubin (2002) e Waquil *et al* (2004).

O objetivo de Yeats (1997) era observar a direção das exportações do Mercosul, focalizando os resultados em termos de bloco. Como o objetivo deste estudo é verificar se as exportações brasileiras de carne bovina estão se orientando intra ou extra NAFTA e intra ou extra UE, faz-se uma modificação no índice utilizado por Yeats.

Desta forma, o Índice de Orientação Regional (IOR) é dado pela seguinte equação:

$$IOR = (X_{rj} / X_{tr}) / (X_{oj} / X_{to}) \quad (5)$$

Onde:

IOR = Índice de Orientação Regional

X_{rj} = Valor das exportações brasileiras do produto j intra- bloco;

X_{tr} = Valor total das exportações brasileiras intra-bloco;

X_{oj} = Valor das exportações brasileiras do produto j extra-bloco;

X_{to} = Valor total das exportações brasileiras extra-bloco.

O IOR é uma razão entre duas proporções, neste estudo, entre a proporção obtida com a divisão das exportações de carne bovina e pelas exportações totais do país para determinado bloco, e a proporção obtida da divisão entre as exportações de carne bovina extra-bloco e o total de exportações extra-bloco.

Os valores de IOR situam-se entre zero e infinito. Um valor igual a um, indica a mesma tendência de exportar para dentro e para fora do bloco. Se os valores do IOR forem

⁵ Para maiores esclarecimentos sobre a metodologia de cálculo da taxa de crescimento ver Hoffmann (1978).

crecentes ao longo do tempo, isto demonstrará uma tendência a exportar intra-bloco. Se, por outro lado, o IOR for decrescente, indicará que as exportações estão se direcionando para fora do bloco.

Os blocos econômicos a serem considerados para o cálculo do IOR são o NAFTA e a UE, pois estes se constituem, em termos de blocos, importantes importadores de produtos agrícolas brasileiros.

Os dados das exportações brasileiras para o cálculo dos índices VCR, IRCB e IOR foram obtidos junto à Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), no Sistema de Análise de Informações do Comércio Exterior (ALICE). Já os dados das exportações mundiais estão disponíveis em *Food and Agriculture Organization* (FAO) e banco de dados do IPEA (IPEADATA).

4. A COMPETITIVIDADE DA CARNE BOVINA BRASILEIRA E A ORIENTAÇÃO REGIONAL

Os resultados do Índice de Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR), do Índice de Relação da Carne Bovina (IRCB) e do Índice de Orientação Regional (IOR), no período de 1992 a 2002, podem ser visualizados na Tabela 3.

Tabela 3: IVCR, IRCB e IOR da carne bovina de 1992 a 2002

ANO	IVCR	IRCB	IOR NAFTA	IOR UE
1992	3,66	2,220	0,279	6,085
1993	3,75	3,899	0,447	4,866
1994	3,36	2,320	0,515	4,997
1995	3,11	0,490	0,434	6,154
1996	3,38	0,464	0,547	6,353
1997	3,06	0,703	0,759	5,410
1998	4,33	2,547	0,722	3,981
1999	5,93	4,236	0,510	3,935
2000	5,89	5,303	0,316	4,039
2001	7,90	8,625	0,236	2,419
2002	7,79	9,776	0,284	2,367

Fonte: Cálculo dos autores a partir de dados do IPEADATA., FAO e SECEX.

4.1 Índice de Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR)

De acordo com os dados da Tabela 3, verifica-se que os valores calculados do IVCR são maiores que a unidade, para todos os anos analisados, demonstrando que o País possui vantagens comparativas reveladas na produção de carne bovina. Ainda, observa-se valor crescente para o índice, principalmente, nos últimos cinco anos analisados, o que mostra que a carne bovina tem aumentado sua competitividade global ao longo do tempo. Em 1992, o IVCR era igual a 3,66 e chegou em 2002 a 7,79, um crescimento de 112,84%. O ano de 2001 possui IVCR mais elevado do que o de 2002 (IVCR = 7,90) e pode ser explicado pela redução no valor das exportações mundiais ao mesmo tempo em que houve aumento do volume exportado pelo Brasil⁶. Observa-se também um recuo do índice nos primeiros anos do plano real, quando a moeda nacional se encontrava valorizada⁷.

O setor de carne bovina brasileira recebeu importantes investimentos na produção, em tecnologia e ganhos de escala. Novas técnicas de criação, alimentação, além de cuidados sanitários, vêm melhorando a qualidade do produto (EXAME, 2004), o que explica, em parte, o crescimento das vantagens comparativas, deste setor, na última década. Soma-se a isso o surto da doença da “Vaca Louca” que reduziu as exportações da Europa e aumentou suas importações, principalmente de gado não alimentado com ração animal (EXAME, 2004).

Dessa forma, pode-se acentuar que o Brasil possui vantagem comparativa na carne bovina e esta vem se acentuando nos últimos anos, principalmente após a desvalorização cambial, que tornou os produtos brasileiros mais competitivos no cenário internacional. O

⁶ Em 2000, as exportações mundiais de carne bovina foram de US\$ 15.398.030.000 caindo para US\$ 13.631.228.000 em 2001. As exportações nacionais tiveram um crescimento no ano de 2001 de 30,06% em relação a 2000.

⁷ A influência do câmbio será medida através do ÎRCB na próxima seção.

próximo subitem (4.2) relaciona a taxa de câmbio real com as exportações líquidas através do IRCB.

4.2 Índice de Relação da Carne Bovina (IRCB) e taxa média de crescimento

O Índice de Relação da Carne Bovina fornece a relação entre as exportações líquidas de carne bovina e a taxa de câmbio real por ano, no período de 1992 a 2002. O comportamento deste índice pode ser visualizado no Gráfico 1.

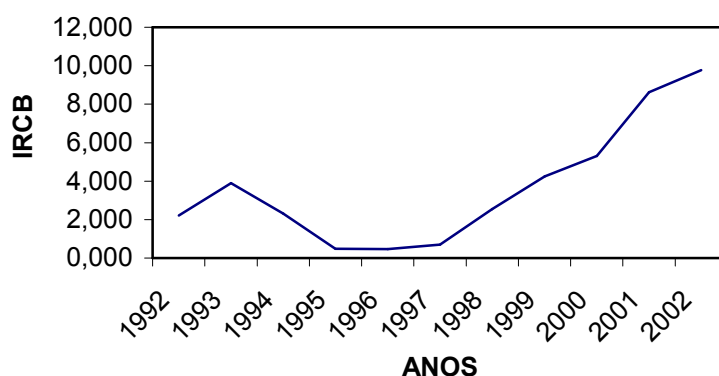


Gráfico 1. Índice de relação da carne bovina (IRCB) de 1992 a 2002

Fonte: Elaborado a partir dos dados da SECEX.

O índice acompanha a tendência do câmbio, pois quando este esteve valorizado as exportações líquidas foram pequenas, como no período 1995-1997. A partir de 1997, observa-se o início da desvalorização da moeda brasileira frente ao dólar e o crescimento das exportações líquidas, mais do que proporcionalmente, como se pode verificar através do aumento do Índice de Relação da Carne Bovina.

Nesse contexto, Scare (2004, p.4) sintetiza que:

O Brasil credencia-se como um importante fornecedor do mercado mundial, pois sua produção mantém-se constante e a partir de 1997 as exportações cresceram de forma consistente. No período de 1997 a 2002 as exportações brasileiras cresceram 297% em volume. No mesmo

período, o faturamento com as exportações reduziu 41% mostrando uma queda relativa do preço médio principalmente devido à desvalorização do Real frente o dólar.

A relação do câmbio e das exportações de carne bovina foi verificada também por Reis *et al* (2004), que após a estimação de diversas equações de oferta de exportações de carne bovina, inferiram que a variável câmbio foi o principal condicionante para o aumento das exportações deste produto no período de 1996 a 2002. Segundo esses autores, o maior controle sanitário e a conquista de novos mercados também foram fatores importantes para o incremento nas exportações. Waquil *et al* (2004) também comenta que a desvalorização do real tem sido importante para aumentar a competitividade dos produtos nacionais.

Sendo a carne bovina um produto competitivo no mercado internacional, o próximo subitem (4.3) apresenta os resultados do IOR indicando a penetração das exportações brasileiras nos dois principais blocos mundiais, bem como a taxa média de crescimento das exportações líquidas no período.

Foi calculada a taxa média de crescimento das exportações líquidas de carne bovina para o período de 1992 a 2002, fornecendo o ritmo médio de crescimento, ao ano, ocorrido no período.

De acordo com a metodologia aplicada, a taxa média de crescimento das exportações líquidas encontrada foi de aproximadamente 20% ao ano.

4.3 Índice de Orientação Regional (IOR)

O Índice de Orientação Regional (IOR) permite avaliar a capacidade brasileira de inserção das exportações de carne bovina em um bloco específico. Ou seja, indica a direção que as exportações de carne bovina vêm tomando ao longo de um período. Os blocos considerados para este cálculo são a União Européia (UE) e o NAFTA, em virtude de suas importâncias em termos de comércio internacional.

Na Tabela 3, verifica-se que o IOR apresenta valor maior que um apenas para UE, sinalizando uma maior participação das exportações de carne bovina para este bloco do que para fora dele. Porém, verifica-se que o índice vem diminuindo ao longo do período analisado, pois o maior valor foi verificado em 1992 (IOR UE = 6,085) e o menor em 2002 (IOR UE = 2,367).

O setor de carne bovina enfrenta barreiras na UE, o que vem contribuindo para a redução das exportações com destino aos países que compõem este bloco. As restrições sanitárias e fitossanitárias impostas pela UE estão relacionadas à incidência de febre aftosa no Brasil. A tarifa corresponde a 114,52% *ad valorem*, enquanto a quota específica é de 5.000 toneladas de carne bovina, com 20% de imposto de importação. No que tange aos subsídios às exportações da UE, estes foram em 2000, da ordem de € 1.259,2 milhões, e o valor destinado à produção interna de carne bovina foi de € 4.733 milhões em 2000 (SECEX, 2003).

A redução do IOR para a UE ocorre paralelamente ao aumento significativo do IVCR, corroborando com os resultados encontrados por Waquil *et al* (2004). Segundo estes autores, verifica-se através do IOR que a carne bovina vem sofrendo uma reorientação para novos mercados, como o Asiático e países da América Latina.

A análise do índice de Orientação Regional (IOR) para o NAFTA mostra valores muito próximos a zero, para todo o período analisado, indicando pequena tendência a exportar para dentro do bloco quando comparado com a tendência a exportar para fora do mesmo. Em outras palavras, pode-se dizer que a carne bovina brasileira tem pouca penetração nesse mercado.

Um fator que pode explicar esta fraca penetração do produto brasileiro no NAFTA é que os Estados Unidos se constitui no maior produtor mundial de carne bovina, de forma

que este exporta para os outros membros do bloco devido ao acordo vigente, e também reduz a necessidade de importar de outros países.

Além disso, existem inúmeras restrições impostas à carne bovina brasileira por parte dos Estados Unidos e do Canadá. Segundo a SECEX (2003), não existe acordo sanitário nem reconhecimento de áreas livres de enfermidades, sendo expressamente proibida a importação de carne bovina *in natura* congelada vinda do Brasil. As carnes enlatadas não sofrem barreiras, porém tem que passar por um período de quarentena.

5. CONCLUSÃO

A avaliação do mercado mundial de carne bovina permite constatar a importância do Brasil neste setor, visto que este se constitui em um importante produtor, consumidor e, principalmente, exportador.

O Índice das Vantagens Comparativas Reveladas para a carne bovina brasileira refletiu o ganho de eficiência produtiva interna e o aumento de competitividade do produto no mercado mundial, o que viabiliza a conquista de novos mercados. O IVCR apresenta valores altos e significativos, principalmente, após a desvalorização cambial ocorrida no início de 1999.

A importância do câmbio para as exportações de carne bovina foi mensurada através do Índice de Relação da Carne Bovina, o qual demonstrou que as exportações líquidas brasileiras evoluíram mais rapidamente do que a desvalorização da taxa de câmbio.

Em relação ao Índice de Orientação Regional, observa-se que o direcionamento das exportações de carne bovina foi maior para a União Européia do que para o NAFTA, embora em ambos ocorra declínio. Isso ocorre porque os EUA são um importante produtor

e exportador, especialmente para o NAFTA, e se utiliza, assim como a UE, de restrições comerciais.

Finalizando, a taxa média de crescimento das exportações líquidas indicou um ritmo médio de crescimento de 20% ao ano para o período analisado, o que comprova, juntamente com a evolução do IVCR e do IRCB, que a carne bovina brasileira é competitiva internacionalmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANUÁRIO BRASILEIRO DA PECUÁRIA. Disponível em: <www.anuarios.com.br> .

Acesso em 17 de agosto de 2004.

BARBOSA, Alexandre E.; WAQUIL, Paulo D. O Rumo das Exportações Agrícolas Brasileiras frente às Negociações para a Formação da Área de Livre Comércio da Américas (ALCA). **Indicadores Econômicos FEE**. Porto Alegre: FEE, v.29, n.3, p. 71-85, nov.,2001.

BONJUR *et al*, Sandra C. de M. Mudanças na Preferência Internacional de Carne Bovina e Alterações nos preços e Comércio Exterior. **Anais do XLII Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural – Dinâmicas setoriais e desenvolvimento Regional**. 25 a 28 de julho de 2004. Cuiabá, MT. CD-Rom.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA AGRICULTURA (CNA). Disponível em:<www.cepea.esalq.usp.br> . Acesso em 17 de agosto 2004.

COSTA, Thelmo V. M.; WAQUIL, Paulo D. Comércio Intra-Mercosul de Frangos: Intensidade, Orientação Regional e Vantagens Comparativas. **Teoria e Evidência Econômica**. Passo Fundo: v.7, n.12, p. 9-35, maio, 1999.

DYCK, J.; NELSON, K. World meat trade shaped by regional preferences & reduced barriers. **Agricultural Outlook**, p. 7-10. Março, 2000.

FÜRSTENAU, Vivian. Pecuária de corte: baixos índices zootécnicos e eficiência no setor exportador. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, RS. V.32, n.1, p. 265-292, maio de 2004.

Food and Agriculture Organization of the United Nations – FAO. Disponível em <<http://www.fao.org>>. Acesso em 25-08-2004.

GUJARATI, D. N. **Econometria Básica**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2000.

HOFFMANN, Rodolfo (et al). **Administração da empresa agrícola**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1978.

INTERNATIONAL MONETARY FUND. **International Financial Statistics**. 2003. Banco de dados. Disponível em <www.imf.org>.

MAIA, S. F. Impactos da Abertura Econômica sobre as exportações agrícolas brasileiras: análise comparativa. **Anais do XL Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural – Equidade e Eficiência na Agricultura Brasileira**. 28 a 31 de julho de 2002. Passo Fundo, RS. CD Rom.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO (MAPA). Secretária de Produção e Comercialização. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br>>. Acesso em 10-agosto-2004

MIRANDA, S. G. de. **Quantificação dos efeitos das barreiras não-tarifárias sobre as exportações brasileiras de carne bovina**. 2001. 233 f. Tese (Doutorado em Economia Aplicada) – Escola Superior de Agricultura “Luis de Queiroz”, Piracicaba, 2001.

MIRANDA, S. G.;MOTTA, M. B. Exportação de Carne Bovina brasileira: evolução por tipo e destino. Disponível em <<http://www.cepea.esalq.usp.br>> Acesso em: 17-08-2004.

OITO IMPACTOS DA INTEGRAÇÃO COMERCIAL BRASIL - ESTADOS UNIDOS

LOW, P. e YEATS, A. **Nontariff measures and developing countries: has the Uruguay Round leveled the playing field?** *The World Economy*, v.18, n.1, p.51-70, jan. 1995.

REIS *et al*, Janderson D. Oferta Brasileira de Exportação de Carne Bovina, 1996-2002.

Anais do XLII Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural – Dinâmicas setoriais e desenvolvimento Regional (resumos). 25 a 28 de julho de 2004.

Cuiabá, MT.

RUBIN, Luciane da Silva. Uma discussão sobre acordos regionais e a orientação das exportações brasileiras para alguns produtos de base agrícolas no Mercosul. **Artigo Científico (Especialização em Economia)** – Universidade Federal de Santa Maria, Santa

Maria, 2002.

SALVATORE, Dominick. **Economia Internacional**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 2000.

SCARE *et al*, Roberto F. Garantindo o Primeiro Lugar em exportações de Carne Bovina:

Planejamento de Marketing para Alcançar Novos Mercados. **Anais do XLII Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural – Dinâmicas setoriais e desenvolvimento Regional**. 25 a 28 de julho de 2004. Cuiabá, MT. CD-Rom.

SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR (SECEX). Disponível em <<http://www.mdic.gov.br>> . Acesso em 12 de maio de 2004.

WAQUIL *et al*, Paulo D. Vantagens Comparativas Reveladas e Orientação Regional das

Exportações Agrícolas para a União Européia. **Anais do XLII Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural – Dinâmicas setoriais e desenvolvimento**

Regional. 25 a 28 de julho de 2004. Cuiabá, MT. CD-Rom.

YEATS, Alexander. “Does Mercosur’s Trade Performance Raise Concerns about the Effects of Regional Trade Arrangements?” **Policy, Planning and Research Working Paper N° 1729**, Washington: World Bank, fev., 1997.

ZINI JR, Álvaro Antônio. **Taxa de câmbio e Política Cambial no Brasil**. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 1995.